

MONSTROS: O RINOCERONTE E O ELEFANTE

Da Ficção dos Bestiários à Realidade Testemunhal

Helena Barbas - Universidade Nova de Lisboa*

Para ultrapassar barreiras linguísticas sempre se recorreu às imagens, um meio de comunicação universal. Assim, para fazer a ponte entre o alemão, o hindu e o português, nada melhor que uma gravura de todos conhecida, o famoso Rinoceronte de Dürer (Fig.1) – um animal originário das índias, trazido para a Europa pelos portugueses, imortalizado pela arte do pintor alemão. Deste modo, o título acima justifica a tentativa de aproveitar uma paixão recente pelas gravuras, uma paixão antiga por aquela gravura em particular, e tem como objectivo a partilha das reflexões e o percurso por elas desencadeado – no sentido de procurar entender como o «fait-divers» da chegada daqueles animais à Europa, e a sua reprodução em termos artísticos, contribuíram para algum avanço nas Ciências Naturais da época.

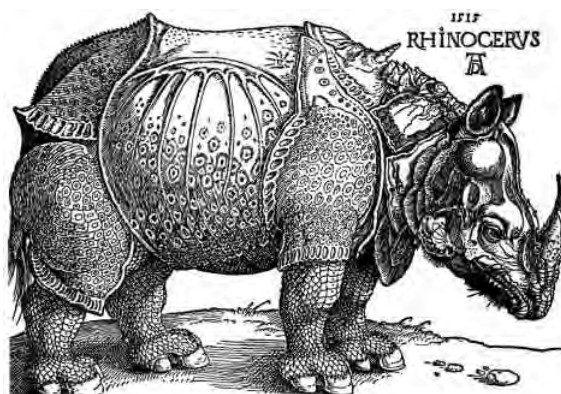


Fig. 1 – Rinoceronte, Nuremberga, 1515 – Albrecht Dürer (1471-1528), British Museum

Porque a gravura de Dürer representa um rinoceronte, obriga a que se faça uma pequena incursão por Tratados e Histórias dos animais a ela anteriores (Aristóteles, Plínio, etc.), pelos bestiários deles decorrentes (o famoso *Physiologus*, p. ex.), pelo texto cristão que mais fortuna teve na divulgação das ideias e imagens sobre aquelas criaturas – como as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha.

Sobre o rinoceronte, diz-nos Isidoro:

Grego é o nome do rinoceronte, que em latim significa «um corno no nariz». É também conhecido como *monoceros*, quer dizer «unicórnio», precisamente porque está dotado ao meio da frente de um só corno de uns quatro pés de

* Artigo publicado nas *Actas do V Encontro Luso-Alemão/ Akten der V. Deutsch Portugiesischen Arbeitgespräche* (Köln-Lisboa, 2000), pp. 103-122; revisto e actualizado em 7.Fev.2007.

longitude, e tão afiado e forte que atira ao alto e perfura qualquer coisa que acometa. É frequente que trave combate com os elefantes, a quem derruba inferindo-lhes uma ferida no ventre. É tão grande a força que tem, que não se deixa capturar pela valentia de qualquer caçador; pelo contrário, segundo asseguram aqueles que descreveram a natureza dos animais, coloca-se diante dele uma jovem donzela que lhe descobre o seio quando o vê aproximar-se, e o rinoceronte, perdendo toda a sua ferocidade, nele repousa a cabeça, e assim adormecido, como um animal indefeso, é preso pelos caçadores.¹

Tanto aqui, como noutros textos paralelos, o rinoceronte recebe como seu inimigo natural e reiterado, o elefante.

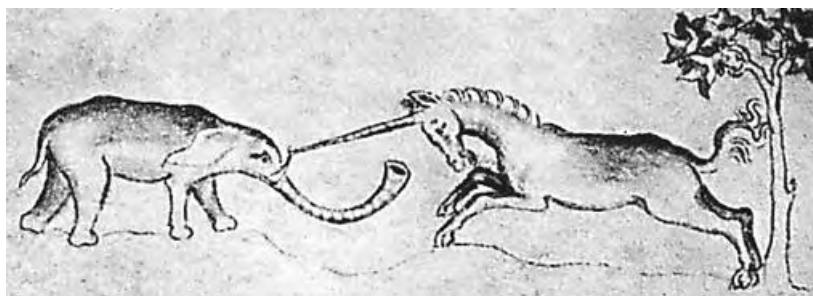


Fig. 2 – Luta entre o elefante e o unicórnio (séc. XIV) – Saltério da Rainha Mary British Library, Royal Ms.28 vii, fol.100

O regresso de monstros e portentos

É do conhecimento comum que a gravura de Dürer foi elaborada a partir de um desenho enviado de Portugal a retratar o infeliz rinoceronte que o rei D. Manuel I queria oferecer ao Papa Leão X, e que morreu afogado antes de chegar ao seu destino. Foi o não-herói de uma segunda e frustrada embaixada zoológica, talvez inspirada pelo sucesso da sua antecessora, aquela em que o nosso soberano manda ao mesmo pontífice um elefante branco, que se torna o seu animal de estimação preferido.

Elefante e rinoceronte ofuscam os outros bichos exóticos que incorporam as respectivas embaixadas, embora todos eles sejam testemunho concreto e material da chegada dos portugueses à Índia. Porém, aqueles dois destacam-se como os primeiros e mais importantes espécimes da fauna indiana que a Europa tem oportunidade de ver. No momento, ao vivo; depois, por intermédio de desenhos e reproduções, sendo divulgados em particular pelas gravuras alemãs.

No que respeita ao elefante, para além daquela particularidade regional, não é muita a novidade. Aparece referido na *Bíblia*. Foi usado pelos grandes conquistadores da Antiguidade como máquina de guerra. Também já havia feito algumas incursões pela Europa. O primeiro exemplar domesticado, de nome Aboul-Abbas, fora enviado de presente a Carlos Magno em 797 por Haroun Al-Rashid, o califa abássida de Bagdad². Quatro séculos depois, passa pela Europa o elefante de Frederico II³ trazido

da Terra Santa; a este segue-se o de Luís IX de França⁴ que o rei Pio oferece ao cunhado inglês, Henrique III. Também um dos soberanos de Portugal, Afonso V, o Africano – não desmerecendo do cognome –, envia um elefante a René d'Anjou⁵ então rei de Nápoles, em 1477.

Os elefantes que posteriormente aparecerem na Europa são os trazidos pelos portugueses, primeiro de África e depois da Índia. Em 1508, Hans Burgkmair o Velho desenha este animal com bastante precisão.



Fig. 3 – Um homem de Calecute montado num elefante, 1507 – gravura de Hans Burgkmair, o Velho (1473-1531), Fine Arts Museum, San Francisco

Só entre 1510 e 1514 Afonso de Albuquerque despachou quatro elefantes de Cochim para Lisboa junto com os respectivos tratadores e instruções específicas quanto à alimentação. Os dois primeiros chegam em meados de 1511 – um é oferta do rei de Cochim a D. Manuel, e o outro fora comprado pelo próprio Albuquerque. Será o primeiro, um elefante branco, que, junto com quarenta e três outros animais exóticos e 143 homens, encabeçará a famosa embaixada de D. Manuel a Leão X. Como se pode imaginar, a viagem terá sido atribulada, e complica-se pela excitação que os animais vão suscitando junto das populações nos sítios onde a nau tem que se reabastecer – Alicante, Ibiza, Palma de Maiorca –, até chegar a Porto d'Ercole. Segue-se uma ainda mais atribulada viagem por terra, até que homens e bichos são formalmente recebidos pelo Papa a 20 de Março de 1514. O Pontífice escreve uma carta de agradecimento ao rei português expressando o agrado – o seu, da sua corte e do povo de Roma – pelas ofertas, testemunho sumptuoso das terras fabulosas e distantes recentemente descobertas e conquistadas pelos portugueses⁶; mas agradece em particular o elefante, entretanto baptizado de Anone e posteriormente conhecido como Hanno:

Foi o elefante que excitou o maior espanto do mundo inteiro, pelas memórias que evocava do passado antigo, dado que a chegada de bestas semelhantes era

bastante comum nos dias da Roma Antiga. Embora não mais tivessem sido vistos nos séculos que se lhe seguiram, durante os quais a nossa cidade perdeu o seu esplendor. A docilidade de Anone [...] é maravilhosa, porque obedece a todos os sinais do treinador. Ficamos quase tentados a acreditar nas afirmações dos idólatras que pretendiam existir afinidades entre estes animais e o ser humano. A visão deste quadrúpede proporciona-nos grande divertimento e tornou-se objecto de extraordinária maravilha para o nosso povo.⁷

Do comentário papal tiram-se já algumas elações: o elefante é considerado símbolo de um regresso a uma idade de ouro secular e imperial; pelo seu comportamento, atesta as virtudes que lhe são atribuídas por pagãos e cristãos nos antigos tratados sobre os animais⁸; depois, prova-se ainda como materialização do fantástico e maravilhoso até ali apenas conhecido em segunda mão – por imagens e relatos.

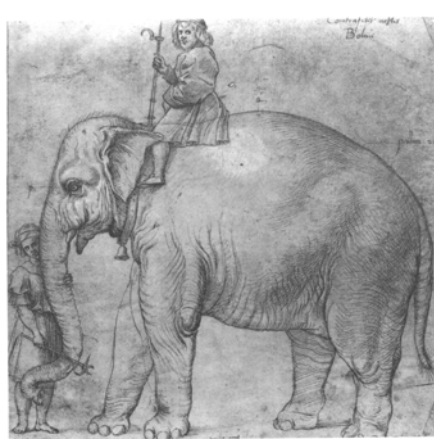


Fig. 4 - Hanno, o elefante (Atrib. a Rafael/Giulio Romano, 1514-15) – Desenho à pena s/ papel Preussischer Kulturbesitz Kupferstichkabinett, Staatliche Museen, Berlin

Independentemente dos sucessos políticos dela decorrentes, a embaixada de D. Manuel impressiona também os artistas. Suscita comentários por escrito e registos pictóricos – como os de Rafael (Fig.4) e Francisco de Holanda (Fig.5).

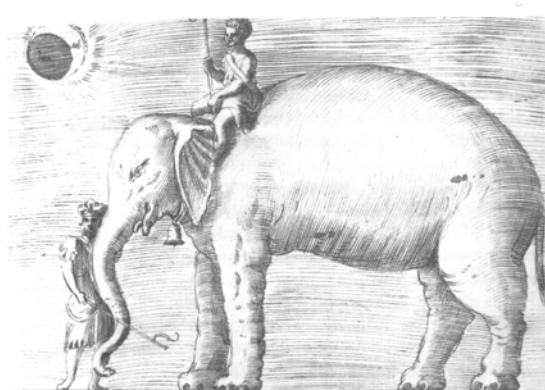


Fig. 5 - Elefante, Roma, c. 1538 – Francisco de Holanda, desenho à pena s/ papel. Escorial, Madrid

Num longo texto em verso, *Theatrum Capitolium*, Aurélio Sereno entusiasma-se com o elefante, com D. Manuel, e louva os poderes do Criador:

Que nos mostra hoje esta besta, na qual estão contidas tantas virtudes, que pode viver por trezentos anos, é progenitor apenas uma vez na sua vida, que respeita a religião, que saúda o nosso Santo Pai, que compreende a linguagem humana. Um tal portento só se vê uma vez, como foi visto por César e Pompeu, e Aníbal, e alguns outros favorecidos por Júpiter no seu tempo, e vós, oh Príncipe, entre esses poucos podereis ser nomeado.⁹

O elefante é descrito resumidamente com todas as características que lhe atribui a tradição e os bestiários, aqui claramente as herdadas de Aristóteles e revistas por Santo Isidoro de Sevilha¹⁰,

Os romanos antigos chamavam-lhes «bois da Lucânia»: «bois, porque não conheciam nenhum animal maior; «de Lucânia», porque foi em Lucânia que Pirro, pela primeira vez os utilizou na guerra contra os romanos: este tipo de animais é muito apropriado para as acções bélicas. Os persas e os indianos colocam sobre eles umas torres de madeira e, a partir delas, lançam, como de um muro, os seus dardos. Os elefantes estão dotados de uma grande inteligência e memória. Vivem em manadas; saúdam com o movimento que são capazes de realizar; têm medo dos ratos; realizam o coito de costas; e na altura de parir, colocam as suas crias na água ou nalguma ilha por causa das serpentes, os seus inimigos naturais, pois estrangulam-nos enroscando-se neles com os seus anéis. A sua gestação dura dois anos e não dão à luz mais do que uma vez na vida, e então apenas uma cria; [em contrapartida] chegam a viver até aos trezentos anos. Antes existiam elefantes só em África e na Índia; hoje em dia só os produzem a Índia.

Testemunha de um espaço fabuloso, o elefante é também apodado de portento pelos romanos de quinhentos – um dos termos usados por Santo Isidoro de Sevilha para os animais prodigiosos:

1. Varrão diz que portentos são as coisas que parecem nascer contra a lei da natureza. Na realidade, não acontecem contra a natureza, dado que acontecem por vontade divina, e a vontade do Criador é a natureza de todo o criado. De aqui que até os pagãos chamem a Deus umas vezes Natureza, outras simplesmente Deus.
2. Em consequência, o portento não se realiza contra a natureza, mas contra a natureza conhecida. E conhecem-se com os nomes de portentos, ostentos, monstros e prodígios, porque anunciam (*portendere*), manifestam (*ostendere*), mostram (*monstrare*) e predizem (*praedicare*) algo futuro.
3. [...] Por sua vez, monstro deriva de *monitus*, porque se «mostram» para indicar algo, ou porque «mostram» até que ponto uma coisa tem significado. E este é o seu sentido próprio que, não obstante, se viu corrompido pelo abuso que desta palavra fizeram os escritores.¹¹

Naturalmente que o êxito do elefante terá motivado D. Manuel a aproveitar uma segunda oportunidade que se lhe proporcionasse com um monstro ainda mais portentoso como o rinoceronte. Porém, a embaixada seguinte acaba de modo trágico, e diz-se que pela curiosidade que o animal suscitou. Os visitantes da nau sobrecarregam-na, e esta afunda-se numa zona até pouco perigosa ao largo de Ibiza. Preso, o animal morre afogado antes de chegar ao seu destino, e nem sequer conseguirá alguma vez ser conhecido por outro nome que o dado pelos indianos: era o Ganda.

Fora também Afonso de Albuquerque quem o mandara para Portugal. Tratava-se, desta vez, de uma das prendas do Sultão Muzafar II ao Vice-Rei, e vem de Champanel-Diu. É enviado para a «menagerie» de D. Manuel em Lisboa numa das naus da frota comandada por Cristóvão de Brito. Acompanha-o o tratador, Ocem, e vem à responsabilidade de Jaime Teixeira¹². Desembarcou em Lisboa a 20 de Maio de 1515, tendo sido instalado no Palácio da Ribeira.

Se o elefante era um portento, o rinoceronte ultrapassa-o em raridade e maravilha. A notícia do evento espalha-se pela Europa – de Lisboa chega uma das suas descrições à Alemanha atribuída à pena de Valentim Fernandes. Nela se referem as características do elefante, já um *topos* ainda a seguir Aristóteles e Plínio¹³, bem como a famosa luta entre o elefante e o rinoceronte encenada por D. Manuel em Lisboa. Pretende o rei provar a informação dos tratados e bestiários de que rinoceronte e elefante são inimigos naturais. Uma encenação que até se poderia chamar «experiência científica». Por ironia do destino, confirma-se o relato antigo e incorrecto pois, por motivos inesperados, o nosso rinoceronte indiano ataca o elefante segundo o comportamento do seu irmão de África. Todavia, mais interessante é uma outra missiva enviada para Nuremberga onde, para além das referências já tradicionalmente conhecidas, o autor descreve o rinoceronte:

... foi enviado ao nosso rei de Portugal vinda das Índias Orientais para Lisboa, um animal vivo chamado rinoceronte. A fim de lhe dar uma ideia da estranheza desta besta, envio-lhe junto um esboço. Tem a cor de um sapo, é extremamente massivo e está coberto de conchas/escamas. Tem a forma de um elefante, mas é mais baixo nalgumas partes, e é o inimigo mortal daquele. Na parte anterior do focinho traz um corno que é forte e afiado...¹⁴

É exactamente esta descrição que vamos encontrar transcrita pela mão de Dürer no esboço que lhe serviu de base para elaborar a sua tão famosa gravura. Pela mesma data, a partir de outra missiva – e outra descrição – surge um outro retrato do Ganda feito por Hans Burgkmair, o Velho.



Fig. 6 – O Ganda, Augsburg, 1515 – Hans Burgkmair, o Velho (1473-1531) - Gravura. Graphische Sammlung Albertina, Viena

Um rinoceronte menos belo que o de Dürer mas talvez mais fidedigno, inserindo-se num segundo grupo de reproduções em que o animal aparece com o pormenor trágico e realista de trazer presas as patas dianteiras.

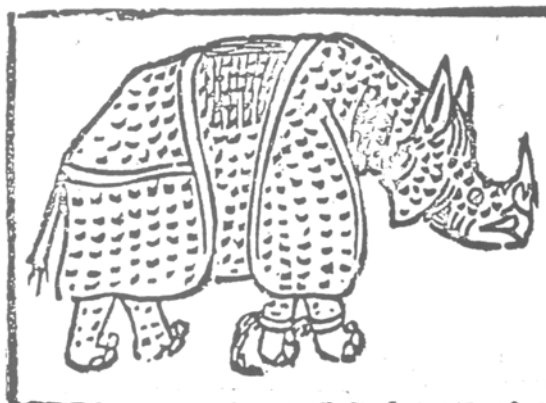


Fig. 7 - Ganda, Roma, 1515 – Gravura do panfleto *Forma et natura costumi de lo Rinoceronte...* Anón. (atrib. a Giovanni Giacomo Penni) - Biblioteca Colombina, Catedral de Sevilha

É evidente que o aparecimento em «carne e osso» de alguns animais nunca antes vistos, mas reproduzidos e descritos pela tradição, em particular a dos bestiários, terá as suas consequências. E a primeira de todas será o equívoco dos referentes, em particular no caso do rinoceronte, o «monoceros» sempre fundido e confundido com o unicórnio.

Esta realidade testemunhal oferece a hipótese de validar os dados sobre outros seres extraordinários que não haviam ainda sido encontrados, mas poderiam vir a sê-lo. Por outro lado, leva a que se pretenda corrigir e ajustar as informações transmitidas. No primeiro caso, encaixa o elefante, verdadeiro monstro no sentido de Santo Isidoro; no segundo, o rinoceronte – monstro agora no sentido corrompido pelos escritores, disforme relativamente ao unicórnio e que, no mínimo, obriga a dividir em duas a figura do monoceros: uma real, em função do testemunho (o rinoceronte); outra imaginária, mantida e continuada pela tradição (o unicórnio). Assim, as discrepâncias – por menores que sejam – entre as reproduções conhecidas e os animais vivos suscitam uma série de problemas, e vão afectar o modo como são encarados não apenas os bestiários mas, mais profundamente, o conhecimento de história natural herdado da *Bíblia* e textos sagrados.

As ficções dos bestiários

Embora criticados por muitos como falsa ciência, é evidente que os bestiários nunca pretenderam ser tratados científicos tal como hoje se entende o termo, funcionando antes como repositórios enciclopédicos do conhecimento acumulado pela tradição ao longo dos séculos. E, resumidamente, pode detectar-se os dois grandes momentos

em que essa acumulação se cristaliza. O primeiro será durante o período helenístico, em que se processa a aglomeração entre os tratados sobre os animais com intenções científicas (as Histórias de Aristóteles e Plínio, p. ex.) e textos de carácter literário, como as Fábulas com conclusões morais (Esopo, Bábrio e Fedro, entre outros); o modelo pagão de uma colectânea sobre animais em que se misturam factos, fantasia, lendas e história com observações particulares, serão os livros de Eliano sobre as *Características dos Animais*¹⁵. Esta amálgama inicial pagã vai ser aproveitada e cristianizada pelo famoso *Physiologus* – «o Naturalista» –, tido pelos especialistas como o cerne de onde vão emergir todos os bestiários. Aliás, o termo bestiário é cunhado a partir da frase que inaugura aquele tratado ilustrado e anónimo do séc. IV-V.

Entre o *Physiologus* e os bestiários já góticos introduzem-se séculos de copistas e adições – de entre elas são tidas como principais a incorporação de excertos de *As Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, e das enciclopédias de Rábano Mauro, principalmente *Sobre a Natureza das Coisas*¹⁶.

Entre os séculos XII e XVI os bestiários crescem em quantidade e beleza. Os artistas recopiam e reelaboram os textos, acrescentam-lhes os seres que faltavam, modificam alguns comentários, mas respeitam – religiosamente será o termo correcto – tanto as ilustrações, quanto as informações sobre os comportamentos e características dos espécimes descritos. Será por isso que, apesar das distâncias espaço-temporais, se repetem histórias e qualidades sem serem questionadas nem voluntariamente alteradas.

Embora em parte tenham a sua origem nos mesmos filósofos gregos de quem, em última instância, derivam os nossos conceitos científicos actuais, os bestiários olham a Natureza a partir de um esquema cósmico onde são possíveis as analogias e correspondências. Reconhecem o equilíbrio e as hierarquias que regem o universo, e que têm o seu expoente máximo no Criador. Deus, o autor da *Bíblia*, é o autor do Mundo. A Natureza é o livro escrito pelo dedo divino – como diz Hugo de St. Victor, entre outros. Assim, os velhos copistas e compiladores de bestiários têm apenas por objectivo documentar o mundo natural. Já conhecem as suas leis, limitam-se a expô-las. Sabem que na terra tudo tem um objectivo; que o Criador tudo fez com um fim: a edificação e instrução do homem pecador. Diz-nos Richard Barber, na sua introdução a um Bestiário inglês do séc. XII:

O Criador tinha feito os animais, pássaros e peixes, e tinha-lhes dado a sua natureza e os seus hábitos a fim de que o pecador pudesse ver o mundo da humanidade reflectido no reino da Natureza, e aprender o caminho para a redenção a partir dos exemplos das diferentes criaturas. Cada criatura é, portanto, uma espécie de entidade moral, transportando uma mensagem para o leitor humano¹⁷.

Assim, um bestiário é um tratado «científico» de história natural e, simultaneamente, um tratado teológico e moral, fornecendo *exempla* aos pregadores – um pouco à semelhança do que irá acontecer com a *Legenda Aurea* de Voragine. Ilustrado para melhor levar a sua mensagem – agora à semelhança da *Bíblia dos pobres* – acaba também a cumprir o papel de manual artístico, oferecendo os seus temas às artes plásticas, à tecelagem, à heráldica, permitindo que os seus animais assumam uma outra carga simbólica. Será a unidade destas múltiplas funções que se começa a fragmentar quando o bestiário chega ao século XVI.

Ciência vs. religião – problemas na re-classificação dos animais

Enquanto a relação entre a natureza e a moralidade parece evidente e fácil de entender, o sentido místico virá a revelar-se mais problemático, dado que, em vários textos da *Bíblia*, a mesma criatura pode representar, em simultâneo, o bem e o mal, Cristo ou o Diabo – uma questão inicialmente resolvida com um duplicar de informações. Mas surge depois um aspecto teológico, e mais grave, directamente relacionado com o episódio da criação – o(s) relato(s) do *Génesis*. E Deus disse:

Que a terra produza seres vivos segundo a sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo a sua espécie. E assim se fez. Deus fez as feras segundo a sua espécie, os animais domésticos segundo a sua espécie e todos os répteis do solo segundo a sua espécie, e Deus viu que isso era bom. (*Gén.* 1.24-25)

Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual deveria levar o nome que o homem lhe desse. (*Gén.*, 3.19-20)

Os Padres da Igreja já tinham experimentado dificuldades em conciliar as duas versões do *Génesis*. Lactâncio dará o tom, subordinando o estudo da criação à leitura literal dos textos das escrituras e fundando tudo na filologia. Assim, o homem chama-se Adão porque é feito de *adama/terra*; ou homem porque feito de *humus*. A ideia, reforçada por Santo Ambrósio e Santo Agostinho e já antes explorada nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, chega ao dominicano Vicente de Beauvais que, no séc. XIV, continua a misturar as noções importadas de Aristóteles com as teorias fundadas na *Bíblia*.

A descoberta de novas espécies e o dogma da criação das criaturas

Segundo o *Génesis*, Deus cria Adão com as suas «mãos» esculpindo a terra, mas os animais são tidos como retirados da água e do ar, e apresentados ao primeiro homem para que lhes dê um nome. E muitos dos bestiários se inauguram com este acto de nomeação:

Adão, sendo o primeiro homem, deu a todos os seres vivos uma designação, chamando cada um pelo nome a que correspondia a presente ordem e de acordo com a sua natureza e função. Os pagãos, porém, deram a cada besta um nome na sua própria língua. Mas Adão não deu os nomes em grego ou latim, nem em qualquer das línguas dos povos bárbaros, mas naquela língua que era comum a todos os povos antes do Dilúvio, e que se chama hebraico.¹⁸

Parafraseando Santo Isidoro de Sevilha¹⁹ (que também reconhece o hebraico como a linguagem do Paraíso), a questão complica-se pela falta de referência a todos os animais. Na *Bíblia*, o elefante surge várias vezes (Livro dos *Macabeus*) como máquina de guerra montada por inimigos. O unicórnio aparece, por um erro do tradutor (*Salmos* 22.21) caracterizado como um predador idêntico ao leão. Não voltam a ser nomeados em qualquer outro ponto, o que deixa em suspenso qual o seu lugar hierárquico aquando da criação. Portanto, estão também ausentes no episódio do Dilúvio. Não se refere que Noé mande entrar casais de elefantes, unicórnios ou rinocerontes na sua Arca, e os animais que dela saem continuam a reproduzir-se exactamente «segundo a mesma espécie».

Colocam-se alguns problemas práticos. As descobertas de animais novos noutras regiões – as novas espécies que vão engordando os bestiários, aquelas que viajantes e navegadores mencionam – levam a que a Arca cresça desmesuradamente. Depois há a quantidade de tempo gasto pelo Todo-Poderoso na criação, talvez a ultrapassar os seis dias; e o tempo que Adão terá levado a nomear as espécies. Tudo dificuldades menores se pensarmos que Santo Agostinho dedica um capítulo inteiro da sua *Cidade de Deus*²⁰ – o sétimo – à distribuição dos animais por esse mundo fora. E as coisas pioram muito com os Descobrimentos: cada nova terra manda notícias de novas espécies noutros continentes, partes remotas muito longe do Monte Ararat.

Da bondade e utilidade dos animais nocivos

Com o aumento e variedade das espécies cresce uma dúvida, a da utilidade de todos os animais perante o rei da criação que é o homem. Na sua imensa sabedoria, Deus fez criaturas úteis, e também outras nocivas – como a mosca que incomoda Santo Agostinho. As nocivas, considerando o enorme zoológico que terá sido o Éden, só poderiam ser «boas» originalmente. Nos bestiários há resquícios dessa bondade na atribuição aos animais de características próprias do homem, a entidade mais elevada na cadeia dos seres. O Paraíso, enquanto local ideal e tempo da «Idade de ouro», seria também o espaço e o tempo em que os animais falavam. Talvez seja por isso que Aurélio Sereno louva o elefante por ainda compreender a linguagem humana.

A «queda» dos animais

Percebe-se, assim, que a queda do homem se estendeu ao reino animal, e o contaminou, fazendo passar alguns dos seus habitantes à categoria de nocivos para o homem. Diz o venerável Beda:

antes da queda do homem, os animais eram inofensivos, mas tornaram-se venenosos e perigosos pelo pecado de Adão [...] Assim, os animais ferozes e venenosos foram criados para aterrar o homem (porque Deus previu que ele ia pecar), a fim que pudesse tornar-se consciente do castigo final no Inferno.

Os animais têm que cumprir com os desígnios celestes, ou foram logo criados «maus» à partida por uma presciência (e precaução) divina; ou acabaram por se tornar «maus» por contágio da maldade humana. Neste último caso – o das bestas e das feras²¹ – estas podem revelar-se como precursoras das entidades infernais que esperam o homem após a morte, e seus representantes e servos durante a vida. Como a serpente tentadora, o primeiro animal a ser castigado e a sofrer – «*a mais astuta de todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito*» (Gén. 3.1). A serpente é amaldiçoada por ter incitado o homem à desobediência: «*Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a besta, e mais que todos os animais do campo: sobre o teu ventre andarás, e pó comerás, todos os dias da tua vida.*» (Gén.3.14). Daqui surge a crença generalizada de que todas as serpentes teriam tido a posição erecta, andariam e falariam. Explícita está a ideia de transformação, de perda de dons e características superiores. O castigo é a degradação do animal – seja uma mudança de elemento, como a passagem do mar à terra (as serpentes do *Génesis* habitam o mar – vs.1.21); seja uma mudança de estado: se passa a rastejar, é que não o faria antes. A transformação da serpente corresponderá a uma metamorfose a caminho do monstruoso por alteração das suas características iniciais (não nomeadas, mas que se deve supor terem sido perfeitas). Descobre-se assim uma justificação para metamorfoses análogas, e para que se possa aceitar a existência de criaturas contra-natura.

Todas as questões até aqui levantadas prendem-se com o grande problema da leitura literal da *Bíblia*, a rebentar na Reforma. Mas, neste caso particular, afectam directamente os bestiários: retiram-lhes a sua função teológica – e logo, também científica – permitindo que se venham a transformar em catálogos de *exempla* retóricos, sucedâneos dos fabulários ou apenas manuais de símbolos. E nesta perspectiva, também os monstros se desligam do mundo físico e metafísico, passando naturalmente ao artístico e literário.

O rinoceronte e o elefante – de monstros a símbolos poéticos

Os Bestiários têm secções dedicadas aos Monstros – idênticas talvez ao espaço em branco que os cartógrafos marcavam nos seus mapas com a indicação «Aqui há monstros» – ou, como diria Santo Isidoro: Aqui há coisas para mostrar.

Mas da mesma maneira que os mapas foram sendo preenchidos, e os sentido geográficos transformados pela mudança de cosmovisão imposta pelos Descobrimientos, também as fronteiras e as hierarquias adentro dos reinos naturais foram afectadas. Os lugares dos seres e das coisas deixaram de ser os pré-estabelecidos.

Nos bestiários, a secção dos monstros rompe com a hierarquia prévia. E estes vão demarcar-se por excesso, por defeito, ou por falta de alguma das características próprias da sua espécie. Constituem-se a partir da mistura entre ordens e classes:

- **entre animal + elemento fogo:**
 - Fénix
- **entre animal + animal:**
 - a formiga-leão;
 - o pégasus;
 - o cavalo-marinho;
 - o leão-marinho (leão+serpente+asas);
 - o basilisco (galinha+réptil), e o unicórnio;
- **entre animal + humano:**
 - a nível físico:
 - o manticore (leão-homem);
 - o centauro (cavalo-homem);
 - a sereia (peixe ou outros+homem);
 - a nível de qualidades abstractas ou morais:
 - o elefante e o pelicano.

Uma mistura que, se desligada do físico e do metafísico, se aproxima muito do conceito de liberdade poética em Horácio:

Se um pintor quisesse juntar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo e a membros de animais de toda a ordem aplicar plumas variegadas [...] Direis vós que a pintores e a poetas se deu a faculdade de tudo ousar.

Regressando ao elefante, vê-se na gravura de Hans Burgkmair que as suas orelhas são quase humanas – depois de nos bestiários terem tido as formas mais diversas, até de flor. Em Dürer, o rinoceronte distancia-se do seu progenitor, o unicórnio, para se aproximar do elefante como máquina de guerra. Pretende talvez colar-se-lhe para adquirir os sentidos simbólicos que não possui. Mas esta mesma gravura irá aparecer em 1551 no primeiro volume de uma publicação, pioneira na pretensão científica: a *Historiae Animalium* de Konrad Gesner, que tem por objectivo distinguir os factos observados dos mitos e erros populares. O rinoceronte passa a

pertencer a dois campos, o da arte e o da ciência – embora naquele mesmo volume, Gesner nos apresente também um unicórnio.

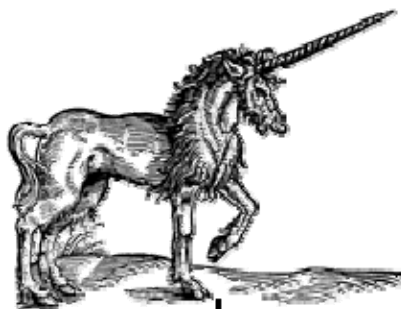


Fig. 8 - O Unicórnio - Konrad Gesner, *Historiae Animalium*, Zurique, 1551

Se os cientistas hesitam, os artistas sabem bem distinguir entre facto e ficção – o próprio Dürer vai desenhar unicórnios depois do seu rinoceronte (Fig.9); e Hans Burgkmair um grifo (Fig.10).



Fig. 9 - O rapto de Proserpina num Unicórnio, 1516 - Albrecht Dürer (1471-1528) - Esboço s/ ferro (325x230 mm.), Fine Arts Museum, San Francisco



Fig. 10 - Figura montada num animal - O Triunfo de Maximiliano I - Hans Burgkmair, o Velho (1473-1531), Fine Arts Museum, S. Francisco

Já na segunda metade do século XVI, é editada a *Iconografia* de Cesare Ripa, um manual para as artes plásticas. Nele o elefante repete-se como sinónimo da benignidade, da temperança, da fama e da força; o unicórnio, sempre a significar a pureza. Todas as características transmitidas da antiguidade até aos bestiários são ali inventariadas e claramente assumidas como emblemáticas. O rinoceronte entra ainda neste reino fantástico embora com um registo de sentidos pobre, por ter chegado tão tarde (é apenas o símbolo geográfico da Índia).

Quanto ao rinoceronte de Dürer, esse provou ser uma obra de arte. A perfeita representação das suas conchas a dar a ilusão da tridimensionalidade; a armadura de ferro que o envolve como monstro de guerra e que deveria suscitar o terror, mas apenas consegue a admiração; levam a que se esqueça o objectivo primeiro da imagem – mostrar o monstro – e se passe ao nível secundário da apreciação estética.

Invocando Baudelaire, no seu «Hymne à la Beauté», o Rinoceronte de Dürer leva-nos à interrogação sobre o Belo: virá ele dos céus, ou dos abismos infernais? – mostrando-se assim, também, como a primeira possível representação do Belo no Mal. Mas aquela interrogação será mais complexa, se for tida em conta a sua própria época, e o facto de que, com os Descobrimentos, também o Inferno ter mudado de lugar.

Helena Barbas

Iconografia

Figuras

- 1 - Rinoceronte, Nuremberga, 1515
Albrecht Dürer, (1471-1528)
British Museum.
- 2 - Luta entre o elefante e o unicórnio (séc. XIV)
Saltério da rainha Mary,
British Library, Royal Ms.28 vii, fol. 100
- 3 - Um homem de Calecute montado num Elefante, 1507;
Hans Burgkmair, o Velho (1473-1531)
Gravura - Fine Arts Museum, S. Francisco
- 4 - Hanno, o elefante
Atrib. a Rafael/Giulio Romano, 1514-15
Desenho à pena s/ papel
Preussicher Kulturbesitz Kupferstichkabinett
Staatliche Museen, Berlin
- 5 - Elefante, Roma, c. 1538
Francisco de Holanda
Desenho à pena s/ papel.
Escorial, Madrid
- 6 - O Ganda, Augsburg, 1515
Hans Burgkmair, o Velho (1473-1531)
Gravura.
Graphische Sammlung Albertina, Viena
- 7 - Ganda, Roma, 1515
Gravura do panfleto *Forma et natura costumi de lo Rinoceronte...*
Anón. (atrib. a Giovanni Giacomo Penni)
Biblioteca Colombina, Catedral de Sevilha
- 8 - O Unicórnio
Konrad Gesner, *Historiae Animalium*, Zurique, 1551
- 9 - O rapto de Proserpina num Unicórnio, 1516
Albrecht Dürer (1471-1528)
Esboço s/ ferro (325x230 mm.)
Fine Arts Museum, S. Francisco
- 10 - Figura montada num animal - O Triunfo de Maximiliano I
Hans Burgkmair, o Velho (1473-1531)
Fine Arts Museum, S. Francisco

Bibliografia

- Aberdeen Bestiary*.
<http://www.abdn.ac.uk/bestiary/> [07.02.2007]
- Aelian. *On Animals - I e II*. Loeb Classical Library. Trad. A. F. Scholfield. Mass. & London: Harvard U. P. W. Heinemann Ltd.
- Animals in Christian Art*. «The Catholic Encyclopedia.»
<http://www.newadvent.org/cathen/01515b.htm> [07.02.2007]
- Anon. *Bestiary (1220-50)*. M. S. Bodley 764 (*fac-simile*). Trad. e Ed.. Richard Barber. London: The Folio Society, 1992.
- Anon. *Physiologus, a metrical bestiary of twelve chapters./ by Bishop Theobald*. Trad. Alan Wood Rendell. London: J. & E. Bumpus Ltd., 1928.
<http://bestiary.ca/etexts/rendell1928/theobaldus%20physiologus%20-%20rendell.pdf> [07.02.2007]
- Aelian. *On The Characteristics of Animals, Vol. Xii-xvii*. Loeb Classical Library. A. F. Scholfield (ed.), Peck. Mass. & London: Harvard U.P. W. Heinemann Ltd., 1989.
- Aristóteles. *Historia Animalium - Vol. I-II-III*. Loeb Classical Library. Trad. A. L. Peck. Mass. & London: Harvard U. P. W. Heinemann Ltd., 1979.
- Beckhöfer-Fialho, Aura. *Medieval Bestiaries and the Birth of Zoology*.
<http://www.antlionpit.com/aura.html> [07.02.2007]
- Bedini, Silvio A. *The Pope's Elephant*. London: Carcanet Press, 1997.
- Buchner, Ernst. *German Painting at the Time of Dürer*. Trad. Peter Gorge. München: Hirmer Verlag, 1960.
- Charbonneau-Lassay, Louis. *Le Bestiaire Du Christ*. Milan: Archè, 1940.
- Encyclopædia Britannica. <http://www.britannica.com/> [07.02.2007]
- Fontoura da Costa, A. *Les Déambulations du Rhinoceros (Ganda) de Modofar, roi de Cambay, de 1514 à 1516*. Lisboa: Divisão de Publicação e Biblioteca da Agência Geral das Colónias, 1937.
- Gardes-Tamine, Joëlle, and Marie Claude Hubert. *Dictionnaire de Critique Littéraire*. Paris: Armand Colin, 1993.
- Hassig, Debra. *Medieval Bestiaries - Text, Image, Ideology*. Cambridge University Press, 1995.
- Lonsdale, Steven. *Animals and the Origin of Dance*. Londres: Thames & Hudson, 1981.
- Martins, Mário. *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956.
- Pliny the Younger. *Natural History*. Trad. H. Rackam. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1967.
- Saint Augustine, *The City of God*.
 Christian Classics Ethereal Library. Wheaton College.
<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf102.toc.html> [07.02.2007]
- Santo Isidoro de Sevilla. *Las Etimologias - Vol.I-II*. Madrid: La Editorial Católica, S. A., 1988.
- White, Andrew Dickson. *The Warfare Of Science With Theology*. 1896
http://www.infidels.org/library/historical/andrew_white/Andrew_White.html
 [07.02.2007]
- White, T. H. (ed.). *The Book of Beasts, Being a Translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century*. Made and Edited by T.H.White. Dover.
<http://digital.library.wisc.edu/1711.dl/HistSciTech.Bestiary> [07.02.2007]
- Willene, B. Clarck, & Meredith T. McMunn. *Beasts and Birds of the Middle Ages*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

Notas

¹ Santo Isidoro de Sevilha, *Etimologias* p.72

² «The first of record was a tamed specimen named Aboul-Abbas sent as gift to Charlemagne in AD. 797 by Haroun al-Rashid, the Abassid caliph of Baghdad. The beast was disembarked at Pisa and sent overland to Lombardy. Charlemagne prized it highly, and took it with him over the Alps into battle. He kept the elephant in a park in Lippenham, Germany, until his death in 810.» in Silvio Bedini, *The Pope's Elephant* , p.30;

³ «Four centuries passed before another elephant found its way to Europe; this was an animal brought back from the Holy Land by Emperor Frederick II in the thirteenth century and used in his attack of the city of Cremona. The Elephant entered the city in 1214 with the victorious army and was sent to meet Richard, Earl of Cornwall, upon his arrival for a meeting with the Emperor.» *Ibid.*;

⁴ «Little more than a decade later King Louis IX (St. Louis) of France brought back an elephant on his return from his disastrous crusade, and it was subsequently memorialised among the chimera sculpted on the Cathedral de Notre Dame in Paris. Soon tiring of the beast, the French king sent it across the English Channel to his brother-in-law, King Henry III of England. The latter added it to his menagerie, which was one of the most important in Europe at that time.» *Ibid.*;

⁵ «In about 1477 the titular king of Naples, René d'Anjou, received a gift of an elephant from king Afonso V of Portugal in addition to two dromedaries, two civets, and several other rare animals brought from the west coast of Africa. In 1497, an elephant, noted by Giovanni Francesco Pico Della Mirandola, was presented to Ercole d'Este by merchants of Cyprus, and was ultimately memorialised at Belfiore. None of these had been seen in Rome, however.» *Ibid.*;

⁶ «In his papal brief of 11 May to D. Manuel I, [...] the Pope expressed his pleasure and admiration and that of his entire court as well as the people of Rome with the Portuguese mission's elaborate procession of men and birds and beasts, constituting as it did 'prizes from Libya, Mauritania, Ethiopia, Arabia, Persia and India', as testimonies of the far distant and fabled lands discovered and conquered by the Portuguese in recent years.» *Ibid.*, p.57;

⁷ «it was the elephant which excited the greatest astonishment to the whole world, as much as from the memories that it evoked of the ancient past, for the arrival of similar beasts was fairly frequent in the days of ancient Rome. Though the centuries that followed during which our city lost its dominance, no more were seen. The docility of Annone [...] is marvellous, for it is obedient to every order and to every sign of its trainer. One is almost tempted to put faith in the assertion of the idolaters who pretend that a certain affinity exists between these animals and mankind. The sight of this quadruped provides us with greatest amusement and has become for our people an object of extraordinary wonder.» *Ibid.*, p.57;

⁸ «Existe la opinión de que los griegos dan al elefante semejante nombre causa de la magnitud de su cuerpo, que alcanza la forma de un monte; y en griego «monte» se dice *lóphos*. Entre los indios se le conoce con el nombre de *barrus*, y de ahí que su grito se llame *barritus* (barrito). Sus colmillos se denominan «marfil». Su hocico recibe el nombre de trompa, *proboscis*, porque con ella se lleva el forraje a la boca, y es semejante a una serpiente, protegida por la defensa de sus colmillos.» in Santo Isidoro de Sevilha, *Op. Cit.*, p.72;

⁹ Segundo Silvio Bedini, Aurelio Sereno no seu *Theatrum Capitolium* entusiasmado louva os poderes do Criador: «which shows to us today this beast, in which are contained so many virtues, that can live for three centuries, that progenitates one time in his life, that respects religion, that salutes our Holy Father, that understands human speech. Such a portent is seen

only once, as it was by Caesar and Pompey, and Hannibal and a few others favoured by Jupiter in their time, and you, oh Prince, among those few will be numbered.» *Op. Cit.*, p.60-61;

¹⁰ «15. Los antiguos romanos los denominaron «bueyes de Lucania»: «bueyes» porque no conocían a ningún animal más grande; «de Lucania», porque fue en Lucania donde Pirro, por primera vez, los empleó en la guerra contra los romanos: este tipo de animales es muy apropiado para las acciones belicas. Los persas y los indios colocan sobre ellos unas torretas de madera y, desde allí, lanzan, como desde un muro, sus dardos. Los elefantes están dotados de una gran inteligencia e memoria. 16. Viven en manadas; saludan con el movimiento que son capaces de realizar; tienen miedo de los ratones; realizan el coito vueltos de espalda; y cuando paren, colocan a sus crías en el agua o en alguna isla a causa de las serpientes, sus enemigos naturales, pues los estrangulan enroscándolos con sus anillos. Su gestación dura dos años e no paren más que una vez en la vida, y para eso solamente un cría; [en cambio] llegan a vivir hasta trescientos años. Antes existían elefantes solo en Africa y en la India; hoy día únicamente los produce la India.» in Santo Isidoro de Sevilha, *Op. Cit.*, p.71;

¹¹ «1. Varron dice que portentos son las cosas que parecen nacer en contra de la ley de la naturaleza. En realidad, no acontecen contra la naturaleza, puesto que suceden por voluntad divina, y voluntad del Creador es la naturaleza de todo lo creado. De ahí que incluso los gentiles denominen a Dios unas veces Naturaleza, otras simplemente Dios.

2. En consecuencia, el portento no se realiza en contra de la naturaleza, sino en contra de la naturaleza conocida. Y se conocen con el nombre de portentos, ostentos, monstruos y prodigios, porque anuncian (*portendere*), manifiestan (*ostendere*), muestran (*monstrare*) e predicen (*praedicare*) algo futuro.

3. [...] Por su parte, *monstra* deriva su nombre de *monitus*, porque se «muestran» para indicar algo, o porque «muestran» al punto qué significado tiene una cosa. Y éste es su significado propio, que se ha visto, no obstante, corrompido por el abuso que de esta palabra han hecho los escritores.» *Ibid.*, p.47;

¹² Silvio Bedini, *Op. Cit.*, p.112-113;

¹³ Plínio, *Natural History*, livro viii-xxix;

¹⁴ «On the first of May 1511- [year unreadable] there was sent to our King of Portugal coming from the East Indies to Lisbon, a live animal called a rhinoceros. In order to give you an idea of the strangeness of this beast, I am sending you a sketch. It has the colour of a toad, it is extremely massive and covered with scales. It has the shape of an elephant, but lower in some parts, and is its mortal enemy. On the anterior part of the muzzle it bears a horn which is strong and sharp, and when it approaches an elephant to fight with it, it sharpens its horns on the stones and in running towards it, puts its head down in front of its paws where the elephant has the skin least protected and where it can rend it. The elephant greatly fears the rhinoceros because it can always wound it, and it is on the other hand well protected, and it is very agile and malicious. The animal is called Rhinoceros in Greek and Latin, and Ganda in India.» in Silvio Bedini, *Op. Cit.*, p.120-21;

¹⁵ Vidé Eliano, *On The Characteristics of Animals*, Vol. Xii-xvii.

¹⁶ Também conhecido como *De Rerum Naturis* ou *De Universo*.

¹⁷ «The Creator had made animals, birds, and fishes, and had given them their nature or habits, so that the sinner could see the world of mankind reflected in the kingdom of nature, and learn the way to redemption by the examples of different creatures. Each creature is therefore a kind of moral entity, bearing a message for the human reader.» in Richard Barber, *Op. Cit.*, p.15;

¹⁸ «Adam, as the first man, gave to all living beings a designation, calling each by a name which corresponded to the present order and according to their nature and function. The heathens, however, gave each beast a name in their own language. But Adam gave them names, not in

Greek or Latin, nor in any of the languages of the barbarian peoples, but in that language which was common to all peoples before the Flood, and which is called Hebrew.» *Ibid.*, p.19;

¹⁹ Santo Isidoro de Sevilha, *Op. Cit.*, p. 57 e p.69;

²⁰ «There is a question raised about all those kinds of beasts which are not domesticated, nor are produced like frogs from the earth, but are propagated by male and female parents, such as wolves and animals of that kind; and it is asked how they could be found in the islands after the deluge, in which all the animals not in the ark perished, unless the breed was restored from those which were preserved in pairs in the ark. It might, indeed, be said that they crossed to the islands by swimming, but this could only be true of those very near the mainland; whereas there are some so distant, that we fancy no animal could swim to them. But if men caught them and took them across with themselves, and thus propagated these breeds in their new abodes, this would not imply an incredible fondness for the chase. At the same time, it cannot be denied that by the intervention of angels they might be transferred by God's order or permission. If, however, they were produced out of the earth as at their first creation, when God said, "Let the earth bring forth the living creature,"⁴ this makes it more evident that all kinds of animals were preserved in the ark, not so much for the sake of renewing the stock, as of prefiguring the various nations which were to be saved in the church; this, I say, is more evident, if the earth brought forth many animals in islands to which they could not cross over.» in Santo Agostinho, *The City of God*, Cap. 7;

²¹ «1. La denominacion de «bestia» conviene apropiadamente a los leones, pardos, tigres, lobos y zorras, así como a perros símios y otros que muestran su crueldad con la boca o con las uñas; por eso se exceptúan las serpientes. Y se les dice «bestias» por la violencia (*vis*) con que manifiestan su ferocidad. 2. El nombre de fieras (*ferae*) lo deben a que hacen uso de su natural libertad y se dejan llevar (*ferre*) según su deseo: su voluntad es libre e vagan de un lado para otro, dirigiéndose a donde su capricho las lleva.» in Santo Isidoro de Sevilha, *Op. Cit.*, p.71;